

O DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA PARA PESQUISA E A GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM: O PAPEL DOS GRUPOS DE PESQUISA

Luciana Portes de Souza Lima¹
Camila Mirelle Magri Cortez²
Mara Regina Rosa Ribeiro³
Alexandra de Paula Rothebarth⁴
Juleandrea Bido Cesário⁵

LIMA, L. P. de S.; CORTEZ, C. M. M.; RIBEIRO, M. R. R.; ROTHEBARTH, A. de P.; CESÁRIO, J. B. O desenvolvimento da competência para pesquisa e a graduação em enfermagem: o papel dos grupos de pesquisa. *Arq. Cienc. Saúde UNIPAR*, Umuarama, v. 19, n. 3, p. 171-177, set/dez. 2015.

RESUMO: Este estudo objetiva analisar, na percepção de docentes sobre como se dá a relação entre o ensino de graduação e os grupos de pesquisa. Estudo descritivo, qualitativo, utilizando análise temática. Foram participantes desta pesquisa líderes dos grupos de pesquisa, docentes e coordenador da faculdade de enfermagem estudada. Aprovado sob nº 796/CEP-HUJM/2010. Os resultados obtidos demonstram que apesar do desenvolvimento da competência para a pesquisa constar no Plano Político Pedagógico do curso, o ensino de graduação não supre o pleno desenvolvimento desta, assim, transfere esta responsabilidade para os grupos de pesquisa. São discutidos a necessidade de repensarmos nossos currículos a fim de articularmos integralmente o ensino de graduação e as atividades dos grupos, elaborando Projetos Políticos flexíveis que farão com que a participação em grupos e consequente produção científica não sejam percebidos como sobrecarga, nem para o docente pesquisador nem para o graduando. Consideramos que este estudo permite a aproximação com a temática em estudo, sendo relevante para a definição de objetos a serem aprofundados em pesquisas posteriores.

PALAVRAS-CHAVE: Educação em Enfermagem; Grupos de Pesquisa; Pesquisa em Enfermagem.

THE DEVELOPMENT OF RESEARCH COMPETENCE AND THE GRADUATION IN NURSING: THE ROLE OF RESEARCH GROUPS

ABSTRACT: This study aims to analyze the perception of professor on the relationship between undergraduate education and research groups. It is a descriptive, qualitative study using thematic analysis. The participants in this study were leaders of research groups, professors and coordinator of the nursing college studied. This study was approved under number 796/CEP-HUJM/2010. The results show that even though the development of competence for research appears in the Political Pedagogical Plan of the course, undergraduate education does not provide its full development, thus, transferring this responsibility to the research groups. The need to rethink our curriculum is discussed in order to fully articulate the undergraduate education and the activities of groups, developing flexible Political Projects that will make participation in groups and subsequent scientific production to not be perceived as a burden by teaching researchers or the graduate students. The authors believe that this study allows the approach to the subject under study, being relevant to the definition of objects to be further developed in subsequent research studies.

KEYWORDS: Education; Nursing; Research Groups; Nursing Research.

Introdução

A pesquisa é de fundamental importância na enfermagem, pois está diretamente ligada à aquisição de novos conhecimentos, auxilia na atuação profissional e proporciona maior qualidade na assistência de enfermagem. Desenvolver a prática de pesquisa científica modifica a atuação profissional do enfermeiro, pois este desenvolve análise crítica de sua prática profissional, e torna-se ativo no processo de produção e mobilização do conhecimento (SANTO, 2014). Contudo, o início da construção do ser pesquisador se dá ao possibilitar ao acadêmico, ainda na graduação, o desenvolvimento da competência para pesquisa (ERDMAN et al., 2010).

Utilizaremos neste trabalho de maneira distinta os termos aprender e apreender, tendo em vista as seguintes no-

ções:

O apreender, do latim *apprehendere*, significa segurar, prender, pegar, assimilar mentalmente, entender, compreender, agarrar. Não se trata de um verbo passivo; para apreender é preciso agir, exercitar-se, informar-se, tomar para si, apropriar-se, entre outros fatores. O verbo aprender, derivado de apreender por síncope, significa tomar conhecimento, reter na memória mediante estudo, receber a informação (ANASTASIOU; ALVES, 2006, p. 18).

Assim, consideramos que aprender pesquisa significa receber informações sobre os passos metodológicos, técnicas e teorias referentes à temática de pesquisa científica. Já apreender pela pesquisa diz respeito a desenvolver com-

DOI: <https://doi.org/10.25110/arqsaude.v19i3.2015.5547>

¹Enfermeira. Mestre em Enfermagem pela Universidade Federal de Mato Grosso. Membro do Grupo GEFOR – Grupo de Pesquisa sobre Educação e Formação em Saúde e Enfermagem. Endereço: Avenida Fernando Correa da Costa, s/n, Bairro Boa Esperança, Cuiabá-MT, Brasil. Departamento de Enfermagem. CEP: 78068-900. Tel.: (65) 3615-8820. Email: lu_souz@hotmail.com

²Enfermeira pela Universidade Federal de Mato Grosso. Membro do Grupo GEFOR – Grupo de Pesquisa sobre Educação e Formação em Saúde e Enfermagem. Endereço: Avenida Fernando Correa da Costa, s/n, Bairro Boa Esperança, Cuiabá-MT, Brasil. Departamento de Enfermagem. CEP: 78068-900. Tel.: (65) 3615-8820. Email: camila.mirelle@hotmail.com

³Enfermeira. Doutora em Ciências da Saúde pela Universidade de São Paulo. Professora da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Mato Grosso. Líder do Grupo GEFOR – Grupo de Pesquisa sobre Educação e Formação em Saúde e Enfermagem. Email: mrrribeiro10@gmail.com

⁴Enfermeira. Mestre em Enfermagem pela Universidade Federal de Mato Grosso. Membro do Grupo GEFOR – Grupo de Estudos sobre Educação e Formação em Saúde e Enfermagem. Email: ale_rothebarth@hotmail.com

⁵Enfermeira. Mestre em Enfermagem pela Universidade Federal de Mato Grosso. Membro do Grupo GEFOR – Grupo de Estudos sobre Educação e Formação em Saúde e Enfermagem. Email: juleandreabc@hotmail.com

petências para assimilar mentalmente novos conhecimentos, a partir e por meio de pesquisa científica, vinculando de maneira definitiva o processo de aprendizagem ao consumo crítico e criação de trabalhos científicos.

O conceito de competência tem sido pauta de discussões acadêmicas e empresariais nos últimos anos, e para Fleury; Fleury (2001, p. 184) “é uma palavra do senso comum, utilizada para designar uma pessoa qualificada para realizar alguma coisa”. Já o seu oposto, além de ser a negação desta capacidade, possui um sentimento pejorativo e até mesmo depreciativo.

A competência no entender de Perrenoud (1999) não se limita à aquisição de conhecimentos, mas seria um conjunto de esquemas, que por sua vez são um todo, constituído de hábitos e habilidades que sustentam uma ação. Pressupõe, assim, a existência de recursos mobilizáveis, de modo que nenhum recurso pertence, exclusivamente, a uma competência, pois pode ser mobilizado por outras.

Assim, fazemos uso neste trabalho do termo ‘competência para pesquisa’ indicando o conjunto de habilidades, conhecimentos, atitudes e ações que sustentam o desempenho qualificado do profissional, ao fazer uso de pesquisa científica.

Na enfermagem, é importante o desenvolvimento dessa competência para o aprimoramento da sua atuação, o que se dá, no espaço acadêmico, por meio da formação de grupos de pesquisa, que contribuem com a formação de pesquisadores.

Atualmente no país, os órgãos de fomento à pesquisa têm encorajado a formação dos referidos grupos como também a criação de parcerias entre instituições de ensino em prol do desenvolvimento de projetos de pesquisa. De acordo com o sítio oficial do CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, o grupo de pesquisa pode ser definido como:

[...] um conjunto de indivíduos organizados hierarquicamente, cujo fundamento organizador da hierarquia é a experiência, o destaque e a liderança no terreno científico ou tecnológico, em que há envolvimento profissional e permanente com atividades de pesquisa, no qual o trabalho se organiza em torno de linhas comuns de pesquisa e que, em algum grau compartilha instalações e equipamento (CNPQ, 2012, s/p).

Defendemos a importância da participação de acadêmicos em grupos de pesquisa, por acreditar que desenvolve visão ampliada do processo de pesquisa, na medida em que produz vínculo entre o aluno, o tema abordado e os professores-pesquisadores integrantes do grupo (KRAHL et al., 2009). Para pesquisadores mais experientes, o diálogo com grupos de referência temática é de fundamental importância para o avanço em teorizações e aplicação de novas metodologias (GATTI, 2005).

Analisando a produção científica sobre o tema, nota-se que existem aquelas que relatam experiências de grupos de pesquisa, que levantam e caracterizam grupos de pesquisa - por região do país, por áreas temáticas, outras que possuíam como objeto análises de produções ou até mesmo das composições de grupos; e ainda existem trabalhos que relatam experiências de discentes nos grupos de pesquisa, porém

não foi encontrado nos últimos 5 anos, nenhum artigo que investigue especificamente o papel do grupo de pesquisa no desenvolvimento da competência para a pesquisa durante o ensino de graduação (GOMES, et al., 2011; CHRISTOFFEL, et al., 2011; KRUG, et al., 2011; VERMELHO, VELHO; BERTONCELLO, 2015; LINO, et al., 2010).

Assim, a socialização deste trabalho contribui para fomentar discussões referentes à organização e operacionalização dos grupos de pesquisa em ambiente acadêmico, assim como para repensarmos os modelos de currículos de graduação em todas as universidades que articulam grupos de pesquisa e alunos de graduação nos moldes da faculdade pesquisada.

Este estudo teve como objetivo analisar, na percepção dos docentes enfermeiros, como se dá a relação entre o ensino de graduação e os grupos de pesquisa constituídos na Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Mato Grosso.

Material e Método

Estudo descritivo, exploratório de abordagem qualitativa. Tal abordagem foi escolhida por trabalhar com as relações humanas, seus valores, atitudes e os significados de suas ações, mostrando-se mais adequada ao objeto deste estudo que por sua vez, permeia o campo das relações de ensino-aprendizagem (MINAYO, 2011).

O local de estudo foi a Faculdade de Enfermagem (FAEN), da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), cujo curso de graduação em enfermagem funciona em regime acadêmico de crédito semestral, com oferta de trinta vagas semestrais, em horário integral - turnos matutino e vespertino, com tempo de conclusão mínima de 9 e máxima de 13 semestres (UFMT, 2010).

A faculdade possuía à época de coleta dos dados, 4 (quatro) grupos de pesquisa cadastrados, a saber: Grupo ARGOS - estudos sobre trabalho, cuidados e subjetividades em saúde e enfermagem; Grupo GEPESC - direitos, ética e cidadania no contexto dos serviços de saúde; Grupo NESM - trabalho e cuidado em Saúde Mental; e Grupo GEFOR - estudos sobre educação e formação em saúde e enfermagem (UFMT, 2010).

Para conhecer como se dá a relação entre o ensino de graduação e os grupos de pesquisa constituídos na faculdade estudada, escolhemos como participantes para este estudo os 4 (quatro) líderes dos quatro grupos de pesquisa existentes na faculdade, cadastrados no diretório de grupos de pesquisas do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), à época da coleta de dados; 3 (três) professores das três disciplinas que abordam, especificamente, a temática de pesquisa científica no curso de graduação em enfermagem; e o coordenador do curso de graduação em enfermagem, totalizando 7 (sete) informantes, já que houve acúmulo de funções por 1(um) docente participante. Compreendemos que tais docentes desempenhavam o papel de gestores do processo e atuavam diretamente no desenvolvimento da competência para a pesquisa nos graduandos.

Os critérios inclusão foram - ser professor efetivo; participar de disciplinas relacionadas à pesquisa no processo de formação do enfermeiro, ser líder de grupo de pesquisa,

ser coordenador do curso de graduação em enfermagem.

Os dados foram coletados por meio das seguintes fontes: 1) análise do Projeto Político Pedagógico - PPP - do curso de enfermagem, e de disciplinas que o compunham, que constavam como específicas para a temática de pesquisa científica, a saber: Introdução a Metodologia Científica; Introdução a pesquisa em saúde; e Trabalho de Conclusão de Curso I e II; e 2) entrevista semiestruturada com os participantes da pesquisa.

As entrevistas ocorreram entre fevereiro e março de 2012, orientadas por roteiro, conduzidas pelos pesquisadores, gravadas mediante autorização dos participantes e realizadas individualmente, após agendamento prévio, e em local reservado a fim de garantir a privacidade/liberdade dos entrevistados.

As entrevistas foram transcritas integralmente, e seu conteúdo organizado segundo os critérios da Análise Temática. As etapas seguidas foram: pré-análise - leitura flutuante do material para tomar conhecimento do conteúdo das informações; exploração do material em busca de unidades de significado para compor os temas; e tratamento dos resultados, momento em que os temas emergentes dos dados são analisados pelo pesquisador com base no referencial teórico adotado (BARDIN, 2009).

O projeto foi submetido à análise do Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário Júlio Muller (HUJM) sob nº 796/CEP-HUJM/2010, cumprindo os requisitos determinados pela Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde para toda e qualquer pesquisa realizada com seres humanos, vigente naquele período.

Quanto aos sujeitos de pesquisa, foi solicitado seu consentimento para realizar a entrevista pedindo que o mesmo assinasse o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), e ainda foi garantido o anonimato de sua identidade, e que suas informações seriam utilizadas somente em trabalho científico.

Resultados

Para os docentes entrevistados, o desenvolvimento de competências para pesquisa no ensino de graduação está intimamente vinculado à participação dos graduandos em grupos de pesquisa. Fez-se necessário, portanto, abordarmos estas discussões em dois subtemas diferentes: A relação entre a Pesquisa e o Ensino de Graduação em Enfermagem e A interface: Ensino de graduação, Grupo de pesquisa e o Desenvolvimento de competência para pesquisa.

Sobre o perfil dos participantes da pesquisa: 100% eram do gênero feminino, com idade entre 40 e 56 anos, o tempo de formado variou entre 17 e 33 anos, e o tempo de atuação como docente de 10 à 31 anos. Em relação à titulação 100% possuíam especialização, mestrado e doutorado e destes, 2 participantes possuíam pós-doutorado.

A relação entre a pesquisa e o ensino de graduação em enfermagem

Tomando como referência a análise do Projeto Político Pedagógico do curso estudado (UFMT, 2010), verificamos que a pesquisa permeia a construção do mesmo, fazendo-se presente nos princípios norteadores, no perfil do

profissional a ser formado, e no rol de competências a serem desenvolvidas no curso.

[...] Ser capaz de articular teorias e conceitos considerando os métodos científicos e concepções éticas na produção de saberes em saúde, bem como incorporar os resultados no desenvolvimento técnico-científico da enfermagem e na melhoria das condições de vida e saúde da população [...] (UFMT, 2010, p. 34).

Para tanto, foram estruturadas três disciplinas que abordam a temática da pesquisa no curso de graduação em enfermagem, que são ministradas nos Blocos (que correspondem a semestres letivos) I, IV, VIII e IX.

Analisando os Programas dessas disciplinas, verificamos que no bloco I, em Introdução à Metodologia Científica, são abordadas as etapas do trabalho científico e procedimentos técnico-metodológicos, são realizadas atividades de levantamento bibliográfico, documentação como método de estudo individual, normalização do trabalho científico, dentre outros. No bloco IV, é oferecida a disciplina Introdução à Pesquisa em Saúde, a disciplina tem como foco o desenvolvimento de habilidades para elaboração do trabalho científico (UFMT, 2010). Nos Blocos VIII e IX respectivamente, ocorrem as disciplinas Trabalho de Curso I e II, que objetivam a construção do conhecimento científico em enfermagem. Nestes semestres realiza-se atividade prática, ou seja, é elaborado e executado projeto de pesquisa, que é apresentado por escrito a uma banca examinadora, e sob a forma de pôster em evento interno à faculdade (UFMT, 2010).

Os participantes relataram que o desenvolvimento da competência para pesquisa fica dependente dos momentos em que o currículo oferece disciplinas que possuem como foco a temática de pesquisa científica (UFMT, 2010).

Ele (o desenvolvimento de competência para pesquisa) está bem pontual no currículo hoje (Ent. 4).

Expõem a descontinuidade do processo de construção da competência para pesquisa durante o curso de graduação, relatando que os alunos se aproximam e distanciam da temática de pesquisa a depender do semestre em que se encontram.

No primeiro (semestre) [...] ele (o aluno) já tem introdução a metodologia científica, e [...] a importância da pesquisa na formação do enfermeiro também, mas no segundo e no terceiro ele se afasta bastante e aí no quarto ele faz um projeto, aí no quinto [...] ele se afasta um pouco da pesquisa, ele fica mais voltado para o cuidado, no sexto também a gente não enfoca muito, o sétimo, e aí ele já começa a se preocupar novamente com a pesquisa no oitavo (Ent. 4).

Além das rupturas semestrais supracitadas, é também relatado que se torna difícil a integração entre as disciplinas específicas de pesquisa científica e as demais, ministradas paralelamente no mesmo semestre, uma vez que os professores das demais disciplinas não conduzem os alunos ao consumo e produção científica. Exemplo disso seria o fato de professores adotarem somente livros como literatura recomendada, desestimulando os alunos em relação à leitura de

artigos científicos.

No bloco quatro tem uma determinada professora que trabalha a construção do projeto de pesquisa [...] ela não consegue integrar com a outra disciplina [...], eu acho que tira o foco, ele (o semestre) foca muito no cuidado e não consegue ver a importância da pesquisa naquele momento para desenvolver aquele cuidado (Ent. 4).

Mesmo admitindo que a pesquisa é tratada de maneira pontual no currículo, os professores paradoxalmente, assumem que a pesquisa é abordada de maneira transversal, alegando que o momento em que as disciplinas específicas supracitadas são ministradas é estratégico, introduzindo assim a temática no início, meio e no fim da graduação (primeiro, quarto e nono semestre respectivamente).

Foi também mencionado que, apesar de constar no PPP, os professores acreditam que o aluno não consegue desenvolver todas as áreas necessárias para construção da competência para pesquisa somente na graduação.

[...] está na ementa... mas uma coisa é o que está posto, o projeto, outra coisa é a tradução que a gente dá pra isso no cotidiano, [...] não dá pra ele (o aluno) se apropriar de tudo, dá pra ele fazer uma aproximação disso tudo (Ent. 6).

O consumo crítico de resultados de pesquisa está destacado no PPP e aparece com ênfase no discurso dos entrevistados, denotando a preocupação existente em desenvolver a competência do futuro profissional para manter-se atualizado, e apto a apreender a apreender por meio da permanente busca pelo conhecimento científico. Além disso, os professores também procuram estimular os alunos a olhar para o contexto de vida das pessoas assistidas, com a finalidade de desenvolver pesquisas, de modo que estas deem respostas efetivas a problemas locais.

Para os professores entrevistados faz-se necessária, portanto, a articulação dos grupos de pesquisa com o ensino de graduação, a fim de que o grupo desempenhe papel de formação complementar, já que a graduação por si só, não consegue desenvolver o aluno apto a consumir e produzir pesquisa científica.

A interface: ensino de graduação, grupo de pesquisa e o desenvolvimento da competência para pesquisa

Sobre os grupos de pesquisa, os participantes manifestaram que seu objetivo é organizar pessoas em prol da produção de conhecimentos, ou seja, um pesquisador mais maduro ajuda os novos pesquisadores na produção de conhecimentos, de modo que o grupo se constitua em local de troca de conhecimentos (UFMT, 2010).

Como dito anteriormente, os docentes acreditam que a graduação não é suficiente para desenvolver competências para pesquisar, trazendo para o grupo de pesquisa a função de formação complementar.

O grupo tem tentado fazer isso, ele tem tentado trazer a pesquisa para efetivar como uma parte importante do ensino (Ent. 7).

[...] acho que o lugar que o aluno pode crescer e desen-

volver essas habilidades [...] é no contexto do grupo de pesquisa, [...] trazendo ele pra dentro do grupo de pesquisa que ele aí entender os passos do trabalho com pesquisa (Ent. 1).

A aproximação do aluno de graduação ao grupo se dá, em geral, porque o professor da disciplina convida os alunos que demonstram interesse pela temática da disciplina, para participar de reuniões do grupo, assim o aluno de graduação começa a ter contato com o grupo e, posteriormente, pleiteia uma vaga como PIBIC - Programa de bolsas de Iniciação Científica ou VIC - Voluntariado de Iniciação Científica.

A inserção formal do aluno no Grupo de Pesquisa é feita através de publicações de editais (PIBIC e VIC) em murais da faculdade. O processo seletivo para bolsas de IC (iniciação científica) inclui análise do histórico escolar dos alunos-candidatos e entrevista.

Apesar de relatado que atualmente, existe um grande percentual de alunos em Iniciação Científica (IC), o que se deu em função do aumento de vagas PIBIC e VIC, os grupos de pesquisa ainda não acolhem todos os alunos

[...] mas se você me pergunta se existe uma totalidade de imersão [...] dos docentes e dos discentes no grupo de pesquisa? Não, não existe, mas aqueles que estão envolvidos com as questões de pesquisas, estão profundamente ligados aos grupos. Aqueles que não estão, não tem nenhuma relação (Ent. 1).

Vê-se ainda, por vezes, que os que são selecionados não permanecem no grupo, pois para tal, precisam participar de reuniões, estarem inseridos em projeto e compartilharem conhecimentos sobre temas em discussões, ou seja, espera-se que o aluno de iniciação científica atue ativamente no grupo.

Os alunos eles tem incumbências de levar o que eles produziram (Ent. 7).

Os docentes também expuseram sobre a existência de conflito entre o ensino de graduação e as atividades do grupo de pesquisa, que são tratados, na nossa interpretação, de modo fragmentado. Assim sendo, os alunos são solicitados a realizar atividades em período integral na graduação, o que não possibilita a mobilidade que a pesquisa precisa. De outro lado, a participação em atividades de pesquisa, interfere na participação do aluno na dinâmica curricular.

E é uma atividade que por ser desenvolvida fora da sala de aula, digamos assim, ele é exigente em relação a tempo, os alunos trabalham muito a noite, trabalham finais de semana, as reuniões são finais de tarde, então, o nosso currículo ainda é um currículo bastante fechado (Ent. 5).

Questionados sobre o papel dos alunos de graduação nos grupos de pesquisa, os docentes assinalam que participam em todas as etapas da investigação, ou seja, na construção do projeto, na coleta de dados, auxiliam os orientadores nas análises dos dados, e participam no processo de construção de artigos científicos para publicação.

Os benefícios do grupo de pesquisa, apontados pelos entrevistados foram - possibilidade do aluno desenvolver

pesquisa desde o primeiro semestre e de retroalimentação na graduação - através da utilização de produtos de pesquisas locais no ensino de graduação. Outros benefícios seriam a desmistificação da pesquisa, pois o grupo mostra como se dá esse processo de trabalho, desenvolvendo maturidade investigativa no aluno; e a compreensão de que não se faz pesquisa sozinho e que a discussão de uma produção em grupo faz parte do rigor metodológico, sendo, portanto, necessária.

Além disso, as competências para pesquisa são desenvolvidas a partir do ambiente de convivências entre alunos de mestrado e graduação nos grupos de pesquisa. Dessa forma, o aluno que participa de um grupo de pesquisa possui posicionamento diferenciado nas disciplinas que abordam a temática de pesquisa, possui maior facilidade de produzir o Trabalho de Conclusão de Curso, e leva para a graduação o que aprendeu, elevando os padrões dos trabalhos apresentados nesse contexto.

Discussão

Para o avanço da enfermagem, como profissão, é preciso formar profissionais competentes para pesquisa, capazes de realizar leituras científicas de forma regular e refletir sobre sua realidade de maneira crítica e cidadã. A instituição desse hábito pode ser estimulada na graduação por meio do uso de metodologias ativas de aprendizagem, que possuem como princípio teórico a autonomia. Essas têm como foco a prática, oportunizando aos alunos contato com diversos textos científicos despertando assim, o potencial crítico do aluno para qualificação através de evidências (KRAHL et al., 2009).

Desenvolver o hábito de leitura regular de produções científicas, e ainda adotar no cotidiano o consumo crítico de pesquisas, são estratégias que precisam permear o ensino de graduação em enfermagem, e que podem ser potencializadas pela participação em grupos de pesquisa. “A pesquisa não substitui o papel central de qualquer instituição formadora, mas constitui-se em importante coadjuvante no processo educativo” (KRAHL et al., 2009, p. 147).

Aprender a fazer trabalhos científicos não é suficiente para desenvolver no aluno o hábito de consumir criticamente pesquisa, nem para construir competências que embasem o aluno para educar-se permanentemente através do uso de pesquisas. Assim, aprender a pesquisar não significa apreender a apreender, pois faz-se necessário que o aluno atribua valor à pesquisa científica de maneira articulada à sua atuação profissional diária, baseando suas ações em evidências. Para Krug, et al (2011) o desenvolvimento de trabalhos científicos, desde os primeiros anos de formação, pode “aproximar os alunos dos problemas reais da sociedade, de modo a formar uma atitude científica extensível à atividade profissional”.

Não restrito ao mundo do trabalho, também tem que nas instituições de ensino podemos notar reflexos da fragmentação no ensino de pesquisa científica. O desenvolvimento do campo de pesquisa nas universidades não tem revelado uma nítida contribuição para a melhoria dos cursos de graduação e ainda é possível notarmos a existência de uma baixa integração entre ensino e pesquisa decorrente da estruturação do campo acadêmico no interior das universidades (SANTOS, 2011).

Outra questão levantada pelos participantes foi que a graduação por si só não é suficiente para desenvolver competências para pesquisa, remetendo para o grupo de pesquisa a responsabilidade de formação complementar. Porém, segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de graduação em Enfermagem, no Art. 5º:

[...] a formação do enfermeiro tem por objetivo dotar o profissional dos conhecimentos requeridos para o exercício de várias competências [...] XXV - desenvolver, participar e aplicar pesquisas e/ou outras formas de produção de conhecimento que objetivem a qualificação da prática profissional (BRASIL, 2001, p. 3).

Sendo assim, apesar dos notáveis benefícios da participação do aluno em grupo de pesquisa, a graduação tem a responsabilidade de construir o perfil de seu egresso que desenvolva, participe e aplique pesquisas em sua prática profissional, sendo inadequada a transferência desta responsabilidade aos grupos de pesquisa.

Apesar dos benefícios da participação do aluno em grupo de pesquisa, temos que a inserção neste não deve ter caráter substitutivo, pois como referido pelos participantes, o grupo de pesquisa não alcança todos os graduandos e segundo as diretrizes a oportunidade de desenvolvimento da competência para pesquisa precisa ser disponibilizada a todos os alunos. Portanto, ou o currículo se integra aos grupos, prevendo a participação do aluno e inclusive destinando carga horária apropriada a este, ou assume interinamente a responsabilidade de estimular o desenvolvimento da competência para pesquisa em seus alunos.

Além disso, os participantes relatam que o próprio corpo docente ainda não está em sua totalidade envolvido em pesquisas, ou seja, nem todos os professores da faculdade possuem prática de orientar projetos de pesquisa, o que reflete diretamente na prática docente, pois como não incorporaram a pesquisa no cotidiano, não conseguem facilitar esse processo para o aluno.

Quem faz pesquisa é o professor universitário e, portanto, este percebe-se sem tempo para orientar graduandos, justamente por não ser destinada uma carga horária regulamentada para mais esta atribuição (ERDMAN et al., 2010). Assim, consideram que orientam alunos fora do seu horário de trabalho.

Assim como outros autores (KRUG, et al., 2011) entendemos que, da maneira como o currículo está estruturado, a participação em grupos de pesquisa configura-se como sobrecarga não só para o docente, mas também para o aluno de graduação, pois é exigido dele tempo extra curricular, o que é escasso em um curso integral como o de enfermagem. A elaboração de Projetos Políticos Pedagógicos flexíveis, nos quais a pesquisa é concebida como articulada ao ensino e a extensão, fará com que a participação em grupos de pesquisa e conseqüentemente a produção científica não sejam vistos como sobrecarga, nem para o docente pesquisador nem para o graduando.

Assumimos que as Universidades devem ser compostas pela tríade ensino, pesquisa e extensão. Além disso, segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional:

Art. 43º. A educação superior tem por finalidade: [...] II-

formar diplomados nas diferentes áreas de conhecimento, aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira e colaborar na sua formação contínua; incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando o desenvolvimento da ciência e tecnologia e da criação e difusão da cultura e promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição (BRASIL, 1996, s/p).

Assim, cabe ao ensino de graduação a formação do egresso para pesquisa e a não disponibilização de meios para suprir tal demanda, configura-se na priorização do ensino em detrimento das outras bases da educação superior, dissociando o tripé ensino, pesquisa e extensão.

Também ficou evidenciado, na realidade pesquisada, que o aluno é o agente buscador do grupo, temos porém, que esse fluxo poderia ser o oposto do apresentado: se os grupos de pesquisa se inserissem na graduação de forma ativa, oportunizaria a participação a todos os estudantes, porém, é necessário que o Plano Político do curso preveja articulação efetiva dos grupos de pesquisa e a graduação, proporcionando assim uma interação harmoniosa entre estes e o aluno.

A inserção efetiva dos grupos na graduação proporcionaria o apreender pela pesquisa ora discutido, pois interagiriam a prática de pesquisa – própria dos grupos - e o processo contínuo de apreender novos conhecimentos - próprio da graduação.

Conclusão

Reafirmamos aqui a importância da valorização da atividade de pesquisa na formação de enfermagem e a necessidade de participação do graduando em projetos próprios dos grupos de pesquisa, assim, acreditamos ser necessário repensarmos nossos currículos a fim de articularmos de maneira eficaz o ensino de graduação e as atividades dos grupos.

A pesquisa está diretamente ligada à qualificação profissional, portanto, seja na docência, na assistência (pública ou privada), ou em atividades administrativas, nos deparamos com situações que exigem o olhar investigativo do profissional, por meio da problematização, portanto o uso de pesquisa torna-se imprescindível para todo profissional em qualquer área de atuação, ou seja, é imprescindível valorizarmos a pesquisa em nossas estruturas curriculares.

A socialização deste trabalho contribui para ampliar a produção do conhecimento no campo e a adoção de uma nova perspectiva na formação em saúde que supera o tradicional modo de ensinar e aprender focado na transmissão de conhecimentos.

Faz-se absolutamente necessário à graduação, desenvolver no aluno competência para a produção e, principalmente, para o consumo crítico de pesquisa científica, fazendo com que o egresso seja capaz de modificar sua prática de maneira autônoma baseado em evidências científicas, rearticulando assim mundo cotidiano e o mundo científico, ou seja, reconectando teoria e prática.

Referências

ANASTASIOU, L. G. C.; ALVES L. P. **Processos de**

ensinagem na universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho docente em aula. 6ª ed. Joinville: Univille; 2006.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** 70. ed. Lisboa: LDA; 2009.

BRASIL. **Lei N. 9394, de 20 de Dezembro de 1996.** Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União, 20 Dez 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm> Acessado em: 20/05/2014.

BRASIL. **Resolução CNE/CES n. 3, de 07 de novembro de 2001.** Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de graduação em enfermagem. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES03.pdf>> Acessado em: 20/05/2014.

CNPQ. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. **Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, 2012.** Disponível em: <<http://pplsq11.cnpq.br/censos/>> Acessado em: 10/02/2014.

CHRISTOFFEL, M. M. et al. Grupos de pesquisas em enfermagem na área do recém nascido, da criança e do adolescente: perfil e tendência. **Texto Contexto Enferm,** Florianópolis, v. 20 (esp), p. 147-155, 2011.

ERDMANN, A. L. et al. Vislumbrando o significado da iniciação científica a partir do graduando de enfermagem. **Esc. Anna Nery Rev. Enferm,** v. 14, n. 1, p. 26-32, 2010.

FLEURY, M. T. L; FLEURY, A. Construindo o conceito de competência. **Rev. adm. contemp.,** v. 5, n. 1, p. 183-196, 2001.

GATTI, B. Formação de grupos de intercambio de pesquisa educacional: dialogia e qualidade. **Rev Bras Educ,** v. 30, n. 1, p. 124-132, 2005.

GOMES, D. C. et al. Produção científica em Educação em Enfermagem: grupos de pesquisa Rio de Janeiro e Minas Gerais. **Rev Gaúcha Enferm,** Porto Alegre, v. 32, n. 2, p. 330-337, jun. 2011.

KRAHL, M. et al. Experiência dos acadêmicos de enfermagem em um grupo de pesquisa. **Rev Bras Enferm,** v. 62, n. 1, p. 146-50, 2009

KRUG, S. B. F. et al. Construindo caminhos, relatando vivências: a trajetória do grupo de estudos e pesquisa em saúde. **Texto Contexto Enferm,** Florianópolis, v. 20, n. 4, p. 818-824, out./dez. 2011.

LINO, M. M. et al. Análise da produção científica dos grupos de pesquisa em Educação em enfermagem da região Sul do Brasil. **Texto Contexto Enferm,** Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 265-273, abr./jun. 2010.

MINAYO, M. C. O desafio da pesquisa social. In:

MINAYO, M. C.; GOMES, S. F. D. R (org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes; 2011.163-72

PERRENOUD, P. **Construir as competências desde a escola**. Tradução de Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artes Médicas Sul; 1999.

SANTO, M. C. B. E. **A mobilização de conhecimentos por docentes no ensino superior privado: análise à luz da complexidade**. 2014. 129 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Faculdade de Enfermagem, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2014.

SANTOS, L. L. C. P. Dilemas e perspectivas na relação entre ensino e pesquisa. In: MARLI, A. (org). **O papel da pesquisa na formação e na pratica dos professores**. Campinas: Papyrus; 2011.

UFMT. **Projeto Político Pedagógico Do Curso De Graduação Em Enfermagem (2010)**. Colegiado de Curso de Graduação. Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Mato Grosso. Disponível em: <<http://www.ufmt.br>> Acessado em: 20/05/2014.

VERMELHO, S. C.; VELHO, A. P. M.; BERTONCELLO, V. Sobre o conceito de redes sociais e seus pesquisadores. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, Ahead of print, abr. 2015.

Recebido: 26/05/2015

Aceito: 11/12/2015